

## ESTUDANTES, EDUCADORES E PROCESSOS AVALIATIVOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS E TROCAS SOBRE A FORMAÇÃO TÉCNICA EM SAÚDE

*STUDENTS, EDUCATORS AND THE EVALUATION PROCESS: A REPORT OF EXPERIENCES AND INTERCHANGES ABOUT PROFESSIONAL EDUCATION IN HEALTH*

 <https://orcid.org/0000-0003-2072-0390> Marcia Cavalcanti Raposo Lopes<sup>A</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-8282-6521> Arlinda B. Moreno<sup>B</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-8154-2594> Cristina Massadar Morel<sup>C</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-4629-867X> Luiz Antonio Saléh Amado<sup>D</sup>

<sup>A</sup> Escola Politécnica Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>B</sup> Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>C</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 10 05 2023 | Aceito em: 28 07 2024

Correspondência: Marcia Cavalcanti Raposo Lopes (marcia.lopes@fiocruz.br)

### Resumo

Somos um grupo de quatro professores que nos dedicamos, entre outras coisas, a entender os processos de ensino e aprendizagem de adultos. Entre as questões que estudamos se insere o tema da avaliação. Entre nossas preocupações está a formação de trabalhadores técnicos para a saúde e os diferentes desafios colocados para qualificar trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS) que, em sua maioria, não têm o nível superior e, em geral, estão afastados dos bancos escolares há algum tempo, o que traz certa especificidade ao tema. Embora a bibliografia sobre este objeto seja bastante densa, quando se trata da avaliação da prática profissional em campos de estágios ou espaços similares, ela é bastante escassa. Esta dimensão, que chamaremos de dimensão da prática, coloca inúmeros desafios para os processos avaliativos que são pouco problematizados mesmo no ensino superior. Dessa forma, este texto relata nossas experiências de troca com atores envolvidos em um processo de educação profissional em saúde sobre suas experiências de avaliação da prática profissional. Estas trocas se deram no âmbito de uma pesquisa exploratória e participativa, eminentemente qualitativa, sobre o tema. Elas aconteceram em grupos de discussão com docentes e discentes entre os anos de 2019 e 2022. Este relato de experiências discorreu sobre os achados resultantes da matriz de significados que gerou as categorias: processo educativo e a avaliação em contexto; concepção de avaliação; avaliação e processo ensino-aprendizagem; processos de construção, instrumentos e critérios da avaliação.

**Palavras-chave:** avaliação; educação profissional em saúde; formação em saúde

### Abstract

As a group of four professors, we have been dedicated, among other themes, to understanding teaching and learning processes, especially the complex issue of the learning evaluation. We are concerned about the workers' professional education to act in the health system - more specifically, about the multiple challenges faced to qualify workers in the Brazilian Unified Health System [Sistema Único de Saúde (SUS)]. Most



of these workers are not undergraduate, many of them far from the schooling environment for a long time - this might be a reason why the learning evaluation process became so unique. We also observed that, although there are lots of literature references about evaluation in the educational field, it is extremely scarce when the main focus is the evaluation of professional practices during the internship or at similar opportunities. This dimension of practice, as we call it, brings a bunch of poorly problematized challenges to the learning evaluation process whether in secondary or higher education. Thus, this paper aims to be a report of our interchange experiences with some actors (implicated with professional education in health) about their experiences with the learning evaluation process in the field of professional practice. As part of a research field about this kind of evaluation, the interchanges occurred through discussion groups we conducted with teachers and students, in 2019-22.

**Keywords:** learning evaluation; professional education in health; training in health;

### **Introdução:**

Somos um grupo de quatro professores que temos nos dedicado, entre outras coisas, a entender os processos de ensino e aprendizagem de adultos. Por estarmos ou termos sido ligados (a partir de diferentes vínculos) à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fiocruz (EPSJV), acabamos tendo entre nossas preocupações a formação de trabalhadores técnicos para a saúde e os diferentes desafios que se colocam para qualificar trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS) que, em sua maioria, não têm o nível superior e que, em geral, estão afastados dos bancos escolares há algum tempo.

Na disciplina que ministramos no mestrado de Educação Profissional em Saúde, da EPSJV, sobre os processos de aprendizagem e do desenvolvimento humano, trabalhamos, entre outros temas, o da avaliação da aprendizagem. Um tema importante no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem, mas também um campo de inquietação a partir de nossa prática nos cursos de qualificação ofertados pela escola, dos quais alguns de nós participaram, seja como docentes, seja como coordenação. Em relação a esta discussão, percebemos que, embora ela seja bastante densa, com diversos trabalhos de autores nacionais e estrangeiros abordando a temática a partir de diferentes ângulos (HOFFMANN, 1993; LUCKESI, 1998; ESTEBAN; AFONSO, 2010; BARRIGA, 1993; FERNANDES, 2009 entre outros), quando se trata da avaliação da prática profissional em campos de estágios ou espaços similares, a produção bibliográfica é bastante escassa. Esta dimensão, que chamaremos de dimensão da prática, coloca inúmeros desafios para os processos avaliativos que são pouco problematizados. Ela diz respeito ao desempenho de

determinadas ações que devem ser realizadas com o mínimo de qualidade e segurança para se considerar que o estudante esteja apto a exercer uma profissão definida.

No caso da área da saúde, este espaço envolve também questões ético-políticas (como por exemplo interação humana e respeito ao usuário dos serviços de saúde) que estão diretamente relacionadas com o bom exercício da prática profissional e que não podem ser desvinculadas da efetivação das atividades práticas.

Dessa forma, este texto pretende ser um relato de nossas experiências de troca com atores envolvidos em um processo de educação profissional em saúde sobre suas experiências de avaliação da prática profissional.

### **Percurso metodológico:**

Movidos pela escassez de trabalhos sobre o tema, foi desenhada uma pesquisa exploratória e participativa, eminentemente qualitativa e contando com a participação dos agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem na área de saúde. Começamos por uma atualização da revisão bibliográfica na esperança de encontrarmos novos trabalhos acerca do tema, o que não nos trouxe boas-novas.

Dada a necessidade que percebemos de nos aproximarmos das avaliações realizadas durante as formações técnicas, mais especificamente no contexto das práticas de saúde, optamos por focar nossa pesquisa na formação técnica em enfermagem. Para tanto, o campo de pesquisa escolhido foi uma escola técnica pública, da região sudeste do país.

Roteiros com questões norteadoras para discussões em grupos de gestores, docentes e discentes dessa escola técnica foram desenvolvidos para serem nosso guia no campo de pesquisa. Participantes foram convidados para compor os grupos de discussão e, para essa fase, contamos com a cooperação ativa dos profissionais da escola técnica (campo de pesquisa).

Acrescentamos que esse projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV com parecer número 3.495.602. Todos os participantes tomaram conhecimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinando-o ou assentindo sua participação (no caso dos encontros virtuais).

Nossa entrada no campo de pesquisa, em 2019, envolveu conversas sobre a escola e seu funcionamento com a direção da escola e acesso a alguns documentos específicos do curso de enfermagem como grade curricular e instrumentos de avaliação.

Este primeiro reconhecimento do campo nos permitiu pensar e organizar os grupos de discussão a partir da realidade da escola. Num momento inicial, foram realizados dois grupos de discussão, de forma presencial, no campo de pesquisa: um com gestores e outro com docentes de disciplinas práticas.

Mas, a pandemia do coronavírus, além de desarticular os processos pedagógicos da escola, impossibilitou encontros presenciais. Assim, organizamos, com ajuda da gestão da escola técnica e da coordenação do curso, mais três grupos de discussão de forma remota: um deles com supervisores de estágio e outros dois com estudantes (realizados entre 2020 e 2021).

Para isso, adaptamos o projeto inicial às necessidades impostas pela pandemia, alterando levemente os roteiros de questões norteadoras utilizados nestes três grupos, considerando o contexto de cada grupo (trabalhadores e estudantes da área da saúde desgastados por suas rotinas de trabalho/estudo em meio a pandemia) e o caráter remoto dos encontros (virtual, mais cansativo e sem espaço físico adequado para se desenvolver – participantes estavam em seus domicílios ou afins). Reconhecemos, assim, que essa adaptação produziu mudanças na dinâmica e nas discussões nestes grupos quando comparados aos que aconteceram de forma presencial. Consideramos que a interação e espontaneidade podem ter sido comprometidas nesta forma de funcionamento. Outra perda que apontamos, frente ao que foi possível realizar em tempos de pandemia do coronavírus, foi a limitação significativa das oportunidades de aprofundamento dos temas discutidos, ocasionada pela impossibilidade de circulação e convivência dos pesquisadores no espaço da escola.

Além dessas, outra limitação metodológica imposta pela pandemia refere-se à nossa pretensão de realizar oficinas de discussão dos aspectos preliminarmente ressaltados no material coletado e sumarizado dos grupos de discussão. De toda forma, foi possível realizar, em 2022, uma apresentação dos achados da pesquisa durante um evento realizado na semana de enfermagem, na escola.

Motivados pelo caráter inusitado da realização de um projeto de pesquisa em andamento aplacado pela pandemia de coronavírus (e uma solução de continuidade

possível), optamos por realizar esse relato de experiências, discorrendo acerca dos achados resultantes da matriz de significados que gerou as categorias a seguir elencadas (o processo educativo e a avaliação em contexto; concepção de avaliação; avaliação e processo ensino-aprendizagem; processos de construção, instrumentos e critérios da avaliação).

Acrescentamos que esse percurso metodológico que aqui se apresenta é, portanto, uma síntese dos principais passos realizados para a consecução da pesquisa que orienta esse trabalho, denominada “Problematizando os processos avaliativos na formação técnica em saúde” da qual, esperamos, ainda possam medrar outros produtos.

### **Processos avaliativos na formação técnica em saúde:**

O processo educativo e a avaliação em contexto:

Nossos encontros com gestores, professores e estudantes da escola técnica permitiram que pudéssemos refletir sobre diferentes questões com as quais temos tido contato no nosso cotidiano de trabalho.

Nossas conversas apontaram que não se pode pensar os processos de ensino-aprendizagem, bem como seus diferentes dispositivos pedagógicos, sem localizá-los no espaço e no tempo e compreender a conjuntura que, mais do que envolvê-los, ajuda a defini-los. A avaliação é também um processo concreto que se dá em determinadas condições que afetam definitivamente seus contornos, o que torna inadequada a proposição de modelos prontos e genéricos construídos fora da realidade dos processos formativos.

Vimos em nossas conversas como a dificuldade econômica dos estudantes surge como questão importante para pensar os processos pedagógicos. Muitas vezes, os alunos têm dificuldades de frequentar regularmente os estágios por conta dos custos com transporte e alimentação, trazendo prejuízos para a formação que os professores tendem a considerar nos processos avaliativos. Além disso, muitos necessitam trabalhar em horários conflitantes com os dos campos de estágio, o que acaba por inviabilizar ou prolongar o tempo necessário para o cumprimento das horas necessárias à formação técnica. De forma geral, percebemos como os educadores reconhecem a dificuldade e o esforço dos educandos e, tendo que lidar com a falta de uma política efetiva que garanta o direito à formação profissional da camada mais desfavorecida da população, acabam por levar em consideração estas questões ao acompanharem os alunos em seus processos formativos e conseqüentemente também nas suas avaliações.

Somam-se a estas dificuldades econômicas, diferentes dificuldades que os estudantes têm para se apropriar de conhecimentos fundamentais para a formação em função de lacunas de seu processo de escolarização anterior. Os docentes com quem conversamos relatam que necessitam retomar conteúdos curriculares da formação básica para que possam seguir com os temas próprios de seus cursos. No que se refere especificamente ao campo de estágio, os problemas anteriores de escolarização criam dificuldades de inserção ativa nos processos de trabalho que acabam sendo necessariamente considerados nos processos avaliativos.

Além disso, ficou claro na fala dos supervisores como os campos de estágio em que os estudantes são inseridos variam significativamente e as condições materiais e de pessoal de cada um deles influenciam bastante nos processos pedagógicos. E evidentemente, influenciam também no que é possível ser desenvolvido e avaliado no desempenho dos formandos. O acesso a todo o material necessário para os procedimentos realizados e o tipo de atenção/orientação que estes últimos recebem dos trabalhadores nos serviços onde fazem estágio estão diretamente relacionados com seu aprendizado e suas possibilidades de desenvolvimento durante a formação. Os supervisores também comentam que precisam considerar, nos processos avaliativos, a diversidade dos casos/situações experienciadas nos diferentes campos de estágio já que estas vivências interferem diretamente na formação dos estudantes.

Todas estas questões nos apontam como as condições gerais de organização e funcionamento da formação, assim como a realidade socioeconômica dos estudantes são fatores fundamentais a serem considerados ao refletirmos sobre avaliação da aprendizagem como um todo na formação técnica e ainda mais se pensarmos os momentos de prática desta formação.

#### Concepção de avaliação:

Nossas conversas permitiram que nos aproximássemos um pouco mais da maneira como os educadores que participaram da pesquisa entendiam o tema avaliação. Considerando que é comum encontrarmos práticas avaliativas puramente classificatórias na educação básica, foi muito interessante notar que grande parte dos docentes e supervisores valorizam muito a avaliação processual.

Os supervisores de estágio, em especial, destacaram a importância da avaliação qualitativa. Parece que o desafio de avaliar o desenvolvimento dos alunos em relação a sua atuação no estágio coloca em xeque instrumentos mais quantitativos e estáticos, como as provas, sejam elas teóricas ou práticas. De maneira geral, os educadores apontaram o caráter processual da avaliação da aprendizagem como parte importante do processo de ensino-aprendizado dos estudantes. Grande parte deles também fez críticas ao engessamento próprio da avaliação quantitativa - expressa apenas por números. Embora não se refiram diretamente a como definem se o aluno é capaz de realizar determinada prática, as situações apresentadas no cotidiano nos deram pistas valiosas sobre sua maneira de compreender a avaliação e a aprendizagem.

Pudemos perceber como eles, na prática cotidiana, criam situações avaliativas que vão além do preenchimento de um formulário fechado onde se assinala tão somente “sim ou não”. Eles referiram várias situações em que avaliação e ensino-aprendizagem estão articulados: ao apoiarem os alunos para integrarem os conteúdos vistos nas disciplinas com as atividades práticas e ao orientá-los em relação a suas condutas em diferentes momentos do estágio ou, ou ainda, ao estimulá-los a realizarem constantemente reflexões sobre suas dificuldades, seus avanços (autoavaliação). Percebemos também como esta forma de atuar é identificada pelos estudantes, que a reconhecem como um importante fator para o seu desenvolvimento.

Os processos educacionais não costumam promover a participação do educando na avaliação. Entretanto, não apenas na formação profissional, mas em especial neste âmbito, a coparticipação no processo de avaliação e, por extensão, no processo de formação pode ser uma poderosa ferramenta a auxiliar o desenvolvimento de habilidades que emergirão no exercício da prática profissional.

Neste caso, não se trata apenas de avaliar conteúdos adquiridos, mas de promover modos de ser e estar num determinado campo, de maneira que o profissional tenha condições de, longe dos contextos heteroavaliativos, reconhecer áreas nas quais precisará se aprimorar. É importante que o estudante possa construir estratégias próprias para o enfrentamento das situações com as quais terá que lidar no desempenho de suas atividades, inclusive aquelas não previstas nos planejamentos curriculares.

#### Avaliação e Processo Ensino-aprendizagem:

Pela forma como foram se construindo o cotidiano e as normas escolares em nossa sociedade, é comum nas avaliações escolares que os processos de ensino-aprendizagem e os processos de avaliação se constituam como processos apartados (a exigência de provas e notas em algum momento específico dos processos parece ter sido naturalizada em grande parte das instituições educacionais).

Ainda assim, mesmo que com muitas contradições, fica evidente a compreensão, especialmente dos supervisores, de que a avaliação é parte importante do processo de ensino-aprendizagem. Ao relatarem seu trabalho no dia a dia dos estágios, a importância do feedback gradativo sobre as práticas dos alunos é constantemente ressaltada, ficando visível os esforços para integrar as práticas avaliativas no cotidiano de trabalho dos estagiários.

Durante nossas conversas com os supervisores de estágio, notamos seu incômodo com a necessidade de quantificar a aprendizagem do aluno reduzindo-a a uma nota. De maneira geral, percebe-se neste grupo, em especial, a preocupação com uma avaliação mais qualitativa - o que também aponta para uma visão mais cuidadosa e para uma crítica aos processos avaliativos tradicionais.

Além disso, notamos que os educadores se preocupam em favorecer que os estudantes possam perceber e analisar sua própria prática ao longo do tempo. A autoavaliação aparece como um importante dispositivo para esta reflexão e é comentada algumas vezes nos grupos. Este é um ponto interessante, já que é comum que haja uma certa preocupação de docentes com processos de autoavaliação por acharem que os estudantes se aproveitam deste processo para garantir notas melhores. Percebemos, entretanto, como já observado, que no campo da prática este é um processo bastante valorizado e é citado como um instrumento para que os estudantes se impliquem ainda mais em seu processo de ensino-aprendizagem.

#### Processos de construção, Instrumentos e Critérios da avaliação:

Procuramos em nossas conversas aprofundar a discussão sobre avaliação tentando conhecer um pouco mais sobre os instrumentos e critérios utilizados pelos educadores. É interessante como essa troca nos mostrou como os docentes valorizam o atendimento cuidadoso ao usuário do sistema de saúde. Eles discutiram muito mais sobre a importância de os alunos ouvirem e respeitarem os usuários em suas necessidades e idiossincrasias.

Ficou claro também que este mesmo respeito era dirigido aos estudantes que precisavam ser compreendidos em suas singularidades ao serem avaliados.

De maneira geral, contudo, os educadores exploraram pouco a questão dos critérios de avaliação em relação a técnicas, talvez porque experimentem em seu cotidiano de trabalho as dificuldades descritas por Clot (2007) e Dejours, autores da psicologia do trabalho. Segundo esses estudiosos, nossas atividades práticas são tão “incorporadas” - fazem parte de nosso corpo -, que é difícil traduzi-las em palavras. Arriscaríamos dizer que eles compartilham, mesmo sem o saber, da ideia de saber incorporado, de aprendizagem pelo cultivo.

Pelo que observamos a partir das conversas com esses supervisores, a possível dificuldade de tradução se refere a algo que já fazem, ou seja, ao acompanhamento atento do processo de aprendizagem da prática dos estagiários. Isso fica muito claro quando relatam o cuidado demonstrado com os estudantes/estagiários e quando tecem críticas aos instrumentos de avaliação fechados, que induzem uma avaliação restrita ao grau de correção da execução impessoal de procedimentos e à verificação de habilidades estritamente técnicas. Estes podem ser até mesmo instrumentos necessários (e conter questões abertas), porém sua estrutura e regras de construção não conseguem abarcar critérios suficientes para avaliar a prática. Tais críticas sugerem a constatação das limitações de práticas avaliativas que necessitam obrigatoriamente de um olhar para o modo como as técnicas são realizadas. Tão importante quanto o cumprimento de passos ou sequências objetivas da atividade prática é a maneira como cada um incorpora os procedimentos técnicos e como reage durante a execução destes procedimentos.

É preciso reconhecer, neste sentido, a dificuldade em definir como se avalia a incorporação de um saber e, mais especificamente, a incorporação de um saber da prática. As tentativas de se construir instrumentos objetivos para isso, muito provavelmente resultam na perda de informações que não podem ser medidas ou quantificadas. A alternativa talvez seja o acompanhamento atento e cuidadoso de quem supervisiona, buscando não só perceber as dificuldades do aprendiz, mas, principalmente, assisti-lo no processo de aprendizagem por cultivo de sua prática.

É possível estipular passos ou procedimentos no processo de ensino-aprendizagem da prática. No entanto, quando se trata do saber da prática, devemos considerar os diferentes modos como tal prática é incorporada por cada um. Há aspectos da prática que só

serão aprendidos quando forem executados - quando manifestarem sua incorporação. Alguns autores (KASTRUP, 2005; DEPRAZ; VARELA e VERMERSCH, 2003) sustentam que a aprendizagem por cultivo resulta do treino, ou seja, de procedimentos práticos repetidos disciplinadamente. Nesta concepção, o “treino” envolve sedimentação e enraizamento, e não mero adestramento. Desse modo, cada um desenvolve suas habilidades práticas, partindo das virtualidades que já possui, mas que serão atualizadas necessariamente por meio da sua execução.

A incorporação de um saber da prática, exige tempo para que o aprendiz, a partir da experiência, aprenda paulatinamente a lidar com mais facilidade e agilidade com as situações que se apresentam, e, por conseguinte, desenvolva habilidades. Como esclarece Kastrup (2005) “O processo começa com esforço, por intermédio de uma atitude consciente e intencional, mas que se torna, com a prática, espontânea e inintencional” (p. 1278).

Informações objetivas são necessárias, porém não há como transmitir conhecimentos que fazem parte do repertório que cada um irá desenvolver, singularmente, a partir do cruzamento do sensível com o inteligível. Consequentemente, os processos de avaliação que se mantêm aferrados à lógica de que a aprendizagem da prática está associada à aquisição de informações, se mostram insuficientes e ineficientes.

De todo modo, observamos também a tentativa de se buscar soluções para a adequação dos instrumentos utilizados para a avaliação. O grupo de supervisores sugeriu uma discussão em conjunto com os professores da teoria, no sentido pensar outros formatos para estes instrumentos.

Em que pese a impropriedade da separação entre esses dois polos – teoria e prática –, o desafio de articulá-los aparece com frequência na fala tanto dos docentes, supervisores e gestores quanto na dos estudantes. Junto a isso aparece, é claro, a dificuldade de integração entre os docentes da parte teórica e da parte prática e entre docentes e supervisores.

Outra dificuldade comentada, especialmente nos grupos dos estudantes e dos supervisores, se refere ao perfil do profissional adequado para a enfermagem e sobre a condição emocional dos estudantes para desenvolverem atividades de cuidados em saúde. Chamou nossa atenção como estudantes e educadores, de uma forma de certo modo idealizada, apontam como necessário (como mais um elemento para a avaliação da aprendizagem da prática) se realizar uma “avaliação psicológica” dos estudantes. Julgamos,

todavia, que uma aproximação com os estudantes, como a preconizada pelos docentes com quem conversamos, permitiria o reconhecimento de suas dificuldades, sejam elas materiais ou psicossociais. Dessa forma, questionamos se seria mesmo preciso inserir uma avaliação psicológica nos processos de ensino-aprendizagem. Afinal, é preciso refletir sobre os efeitos controversos que isto pode promover, considerando-se, principalmente, que os processos de avaliação psicológica (exclusivamente praticados por profissionais da psicologia - o que exigiria a construção de todo um ambiente dedicado a esse procedimento) restringem-se ao momento em que tal avaliação se realiza e não dão conta, portanto, do *continuum* de atuação profissional (ou de vida) de alguém que a eles se submeta.

### **Considerações Finais:**

De maneira geral, pela riqueza de suas considerações, os grupos de discussão foram considerados como um espaço de troca interessante por docentes e supervisores.

Foi possível perceber que os professores consideram como muito importante, para a avaliação dos momentos de prática da formação em saúde, realizar uma avaliação processual entendendo que o acompanhamento das atividades dos estudantes com constantes feedback é a melhor estratégia para este processo.

Entretanto, ficou claro que realizar este tipo de avaliação coloca diferentes desafios. Pode-se afirmar que as principais dificuldades relatadas têm um caráter estrutural e não estão diretamente relacionadas com o formato ou com a lógica deste processo. Elas estão relacionadas às condições socioeconômicas e à frágil formação de parte dos estudantes; à organização dos processos de trabalho dos docentes, o que dificulta a integração teoria/prática; e às próprias condições dos serviços de saúde onde são alocados os estudantes.

São citadas também como questões fundamentais para serem consideradas no processo avaliativo aquelas específicas da atenção em saúde - como o perfil dos futuros profissionais e sua capacidade de lidar com situações difíceis que envolvem este trabalho - bem como a necessidade de valorizar, além da boa execução da técnica, a construção de uma relação de cuidado e respeito com o usuário do sistema de saúde.

Especificamente sobre o formato da avaliação, foi possível perceber certo incômodo com a necessidade de quantificar a avaliação e o uso de instrumentos muito fechados como orientação do processo avaliativo. De forma geral, tanto professores quanto supervisores

argumentam ser necessário que o mesmo tenha maior abertura para estratégias qualitativas de avaliação.

Vale notar que os estudantes que participaram dos grupos de discussão relataram se sentirem acolhidos nos processos de avaliação, considerando que receberam sempre *feedback*, o que colaborou para uma aprendizagem mais efetiva.

Por fim, consideramos que o objeto de estudo em questão – o processo de avaliação da prática na formação técnica de trabalhadores em saúde – é, de fato, carente de discussão e de referências acadêmicas, se apresentando, portanto, como um campo fértil para pesquisa e produção de saberes que deverão ser compartilhados e aprimorados com (e por) pares engajados em processos de formação educacional de nível técnico na área da saúde.

## Referências

- BARRIGA, A. D. *El examen: textos para su historia y debate*. México, Centro de Estudios sobre la Universidad, 1993.
- CLOT, Y. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Produção*, v. 14, n.3, p. 27-34, set. dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/V76xtc8NmkqdWHd6sh7Jsmq/?lang=pt> . Acessado em 26 de janeiro de 2022.
- DEPRAZ, N.; VARELA; F.; VERMERSCH, P. *On Becoming aware*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2003.
- ESTEBAN, M. T.; AFONSO, A. J. (orgs.). *Olhares e interfaces: reflexões críticas sobre a avaliação*. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERNANDES, D. *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HOFFMANN, J. *Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-escola à Universidade*. Porto Alegre, Mediação, 1993.
- KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educ.Soc.*, Campinas, v.26, n.93, p.1273-1288, set.dez.2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/bG374G5nJQ6jtVgCbb7Vsvb/abstract/?lang=pt> .Acessado em: 26 de janeiro de 2022.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo, Cortez, 1998.

